

ELIAS BOAVENTURA: SOBRE DOIS TEXTOS E MUITOS ENSINAMENTOS

Elias Boaventura: on two texts and many teachings

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
anapadi@terra.com.br

RESUMO Quando desenvolvíamos nossa pesquisa sobre violência doméstica contra a criança e o adolescente, financiada pelo CNPq em 2010 e 2011¹, a contribuição do professor Elias Boaventura foi inestimável. Suas reflexões sobre violência afastam-se do senso comum e, tampouco, seguem um caminho teórico corrente nas produções acadêmicas mais recentes sobre o tema. Desse modo, acompanhar seu pensamento e sua concepção do problema tornou-se um desafio teórico e emocional. O Prof. Boaventura produziu dois textos: o primeiro intitula-se *Violência – uma visão complexa*, (2011a)², e o segundo, *Educação para novos tempos*, este, sim, publicado (2011b). Este texto refere-se a eles.

Palavras-chave ELIAS BOAVENTURA, VIOLÊNCIA, EDUCAÇÃO

ABSTRACT When we were developing our research on domestic violence against children and adolescents, funded by CNPq in 2010 and 2011, Professor Elias Boaventura's contribution was invaluable. His reflections on violence deviate from common sense and neither does he follow the main theoretical approaches on the latest academic writings on the subject. So following his thoughts and conceptions on the problem became both a theoretical and an emotional challenge. Professor Boaventura wrote two texts. The first is *Violence - a complex vision* (2011a) and the second is *Education for new times* (2012b). This paper focuses on both.

Keywords ELIAS BOAVENTURA, VIOLENCE, EDUCATION

DISCURSO INCOMUM

Enquanto a leitura de documentos e depoimentos e a pesquisa de campo seguiam mostrando o horror, suscitando repugnância e uma profunda revolta, propunha o Prof. Elias que as reflexões seguissem outro caminho: no lugar de conceber a violência como anomalia, ou mero defeito de caráter individual, olhada de modo linear, antinatural, vício de conduta – o que resultaria, com certeza, aí sim, em repugnância e horror e em desejo de posturas

¹ Elias Boaventura foi professor pesquisador, junto comigo, no trabalho intitulado: “Maus-tratos contra a criança: identificação e análise da atuação da escola junto aos alunos que sofrem maus-tratos no contexto doméstico” que não foi publicado.

² Não chegou a ser publicado e as citações que faço referem-se a um manuscrito que o autor me enviou para que fizesse parte do relatório de pesquisa, enviado ao CNPq.

repressivas – seria preciso olhar para além das manifestações sociais mais próximas e mais contundentes porque tal postura nos levaria a uma visão simplificada e, assim, ficaríamos impedidos de irmos às suas raízes “e de conseguirmos travar com ela um embate dialógico que possa nos levar a atitude mais inteligente que consiga neutralizá-la sem a pretensão de extirpá-la de modo definitivo, dada sua natureza (2001^a)” – dizia ele.

Sua proposta de discussão foi assim enunciada no primeiro texto (2011^a) que me enviou e que, como apontei, não chegou a ser publicado:

Quero examinar a hipótese de que este modo mutilador de pensar, também violento e agressivo, que se tem dispensado às mais simples manifestações de violência sem se levar em conta uma violência maior, mais estrutural, não perceptível à primeira vista, tem concorrido para a sofisticação tanto dela como de sua repressão e aí sim, estimulado um processo de desencontro, de deterioração, incontrolável, destrutivo, violento e mortífero.

Elias Boaventura propõe um novo modo de encarar a violência, especialmente do *ponto de vista do violentado*, em reação à ideia que insiste somente em examinar a manifestação de violência sem atentar para outra: oculta, estrutural, altamente contagiante e destruidora. Volta-se, então, para um conceito de *violência justa*, que mereceu, segundo ele, a atenção dos teólogos da libertação, especialmente os católicos, que defenderam a opção pelos pobres e movimentaram-se com vigor, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da participação em revoluções libertadoras, como as que ocorreram na Nicarágua (Revolução Sandinista) e em El Salvador (Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional – FMLN).

Aproximando-se da questão concreta que estava em pauta em nossas discussões – a violência doméstica contra a criança e o adolescente –, afirmou que as manifestações de *violência justa* “ocupam preferencialmente os ninhos reservados à ternura, como a escola, a igreja e, de modo muito mais contundente, a família, onde as carências e as necessidades de afeto mais se fazem necessárias” (2011a).

Esta proposição, a princípio, choca os leitores, por tratar-se de um discurso incomum nos trabalhos acadêmicos sobre a temática da violência. Como Elias não se furtava ao debate filosófico e histórico, buscou uma afirmação de Schopenhauer, talvez para provocar a direção do olhar para outro mirante; chamar a atenção para equívocos a que somos, quase sempre, submetidos em virtude do imediatismo:

Tudo o que procuramos colher resiste-nos; tudo tem uma vontade hostil que é preciso vencer. Na vida dos povos, a história só nos aponta guerras e sedições: os anos de paz não passam de curtos intervalos de entreatos, uma vez por acaso. E da mesma maneira a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, à miséria ou o aborrecimento, mas também contra os outros homens. Em toda a parte se encontra um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão (1969, p. 7).

O que Elias Boaventura escreveu sobre o ser humano e a violência tinha um objetivo, naquele momento, em nossa caminhada de reflexões: queria ele tratar dos rela-

cionamentos que surgem entre os homens no ambiente hostil no qual, “em toda parte se encontra um adversário” e questiona-se: “que providências devem ser tomadas para que a vida ganhe sentido e escape a um tipo de violência desigualmente ocorrida que vitima mais alguns que outros?” (2011a)

Como parte de sua reflexão, não seria de esperar outra abordagem que a religiosa, por ser ele um homem de fé e um estudioso das religiões. Recorre ao livro do Gênesis (3.9-10) para tratar das incertezas dos homens na tentativa de neutralizar os efeitos da violência, lembrando o que ocorreu com Adão, no mito do Paraíso, quando o Criador pergunta: “Adão, onde estás?”, ele responde: “tive medo e me escondi”. Elias levanta a hipótese de que “a religião seja uma das casamatas constituídas para a proteção do ser humano desamparado que tenta se esconder” (2011a). Pode-se ler nesse mesmo texto:

Neste planeta trágico o homem tem a incerteza por companhia e caminha continuamente assediado pela ameaça da instabilidade, cercado pelo fantasma da solidão, da falta de sentido da vida e pela força da morte inevitável – “Incerteza é o novo nome do futuro”. A questão mais se agrava porque acuado e sem perspectiva o homem assiste impotente sua marginalização geral. [...] Muitos têm sido os esconderijos como a religião, a família, o Estado, o dinheiro e tantos outros que não conseguem esconder o homem nem protegê-lo em sua itinerância desconfortável pelo Planeta itinerante. Neste texto quero trabalhar com a casamata considerada reduto da resistência mais forte ao que se convencionou tomar por base do que seja violência, a religião.

Sua crítica a essa posição é contundente e grave. Necessário se faz que a citação dos escritos de Boaventura seja, agora, mais longa:

Na casamata religiosa, que encara a violência como grave desvio, aceita que a tentativa para resolver a questão é colocar o social regido por forças acima da lei e também das vicissitudes planetárias, sob o comando de um poder maior, que não consegue equacionar o problema do aqui e do agora e o transfere para um futuro, um mundo novo, sempre distante ou de uma fuga para além dos limites planetários com ofertas mirabolantes de vida abundante, eterna. O mundo religioso aceita o fracasso “no mundo tereis aflição ...” (João 16:33). Diante deste aspecto trágico, a saída é fugir, em primeiro lugar da realidade do presente que se vive aqui com o acesso de uma situação melhor. O caminho desta casamata que se vai trilhando é perigoso, porque sustentado em um conhecimento revelado retilíneo e mutilador que anuncia um mundo novo, ao mesmo tempo em que se vê o envelhecimento de tudo. Prega-se a abundância e se caminha para uma situação de escassez, revelando que o futuro já passou. Assim espremido, a casamata religiosa, tentativa de resposta à opressão planetária, parece aceitar o caráter provisório e precário do Planeta e se põe acima das leis, vestígios da violência, anunciando a grande fuga para outra dimensão, onde emana “leite e mel” e onde a dor e o sofrimento não mais ocorrerão. Esta casamata religiosa é em si mesma violenta, porque não agrega, discrimina, ilude com ofertas de vagas esperanças, se mostra altamente seletiva, tem dificuldades com o diferen-

te, como também o de assumir o Planeta, como o lugar onde caibam todos, que devem ser solidários na tentativa de possibilidade de convívio mais saudável, embora difícil. A casamata religiosa, embora se anuncie como instrumento de ação contra a violência, é em suas raízes violenta pela própria natureza de sua existência. De fato ela revela que nós e o Planeta estamos à deriva. Anunciamos o caminho do evangelho da salvação, mas vivemos mergulhados no evangelho da perdição. Esta pressão planetária criadora de sustos e medos vasa a casamata, atinge o coração e a mente dos escondidos e os responsabiliza pelo panorama da agressividade e violência e até os culpa por ela, que pressionados acabam por assumi-la como opções suas. (2001a)

Como educador e professor – e ele gostava muito de ser professor –, indagava se, diante do trágico, a educação tinha algo a fazer; se poderíamos, por meio da educação, “amenizar o convívio do ser humano”.

EDUCAÇÃO PARA OS NOVOS TEMPOS³

Foi assim que ele intitulou seu segundo texto. Professor Elias abordava a educação sob o mirante da complexidade. Não era necessário que citasse o filósofo Edgar Morin a todo instante, mesmo que o fizesse em várias ocasiões, mas sua crítica ao caminho retilíneo que toma o pensamento – e a educação, por certo – explicitava, junto com outros autores, a via de suas análises. Nunca pela via reta de um saber fossilizado:

O conhecimento simplificado e retilíneo que almeja ver o universo como máquina perfeita, sempre regular, imutável, gera um tipo de educação deturpadora e enganosa, portadora de falsas promessas que jamais se realizam e provoca maior desalento, uma vez que seu acesso de um mundo novo não se concretiza nunca (2011b, p.170)

Novamente, uma pergunta sobre o papel da educação diante da violência que, como já apontamos, é tratada sob a ótica de um movimento ininterrupto da natureza, da religião e da vida concreta dos homens. Os escritos de Elias (2001a; 2011b) sobre a educação, portanto, também não seguem a via reta. Coerente com sua postura diante do mundo e das pessoas que nele vivem e sofrem, lutam e têm esperanças questiona se poderia existir um tipo de educação que pudesse ser útil à compreensão desta situação de desespero e pudesse preparar homens e mulheres para viver este estado de coisa que ameaça as fortalezas criadas com vistas à proteção humana.

A educação deveria romper com as ameaças ou será ela mesma uma ameaça? – pergunto-me ao retomar seus escritos. Deparo-me com a difícil tarefa de tentar compreendê-lo, sabendo que não darei conta. Da descrição violenta e acelerada da destruição do planeta e das espécies que nele habitam, Elias traz o homem acuado e temeroso que “de modo feroz se torna predador violento, causador e vítima da morte”.

³ Este texto de Elias Boaventura foi publicado pela Revista Caminhando em 2011.

O caminho que Elias traça para articular conceitualmente a violência, a violência dentro da família – que afeta diretamente as crianças – e as possibilidades de um trabalho educativo é desconcertante:

É no interior da família aonde vem ocorrendo as mais estranhas e detestáveis manifestações de violência que atingem mais frequentemente a mulher e as crianças. Mas sua explicação não se encontra aí. Talvez porque é nela que ocorre o mais forte espaço de aproximação dos conflitos vividos e reais. Enfim a manifestação geral de violência além dos fatores mencionados, também nos parece ser fruto da má distribuição das riquezas, onde o desregramento da economia cria crises que enchem as burras de alguns e violenta milhares que, atingidos pela fome, prosseguem trôpegos (2011b, p.171).

Fazendo uma crítica à educação, da forma como vem acontecendo, escreveu-me como transcrevo abaixo⁴:

Esta educação de inspiração moderna oferta segurança, promete certeza e anuncia a possibilidade de que estejamos caminhando para existência de um mundo novo, onde reinarão a paz e a justiça com grande possibilidade de uma vida melhor. Esta promessa de certezas, de soluções cabais, tem sido frustrante, não por insuficiência de recursos ou por deficiências de funcionamento, mas pela própria estrutura do fazer educacional, baseado em um sistema de formação individualista, dentro da ideia apenas de trocas, exclusivista e discricionário.

E nesse ponto da discussão, no mesmo texto que me enviou, o professor Elias cita Morin (1997, p. 13-14), autor muito caro a ele:

A causa profunda do erro não está no erro de facto (falsa percepção) ou no erro lógico (incoerência), mas no modo de organização do nosso saber em sistema de idéias (teorias, ideológicas); existe uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência; existe uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão; as ameaças mais graves em que a Humanidade incorre estão ligadas ao progresso cego e descontrolado do conhecimento.

Parece-me que, prevendo a dificuldade que seus leitores teriam, Elias oferta-nos uma síntese de seus propósitos neste texto específico que estamos abordando:

Deixamos posto que a violência humana deriva em grande parte da própria natureza do planeta, sempre instável e que contamina de modo muito forte o ser humano. Estamos propondo encarar a violência, ocorra onde ocorrer, com raízes fincadas muito além do entorno dos indivíduos, que os atrai e os torna vítimas dela. Podemos correr o risco de assumirmos duas posturas perigosas: isentar o indivíduo da prática da violência ou encará-la como algo irredutível diante

⁴ Esse trecho não foi incluído por Boaventura quando da publicação na Revista Caminhando em 2011 e encontra-se em um de seus manuscritos.

do qual pouco se pode fazer. Como verificamos, a religião constitui um esforço fracassado que simplesmente sugere o escapismo como solução. (p.169)

Em uma manhã de abril de 2010, o professor Elias me chama em sua sala e diz algo como: “Estou escrevendo sobre violência e educação, como você me pediu. Logo envio o texto para você e aguardo suas observações”.

E o texto chegou. Como ele havia terminado o texto anterior perguntando-se “que tipo de educação é preciso para conseguirmos uma vida com mais sentido neste planeta e que também nos permita um modo mais adequado de encararmos e tentarmos equacionar o problema da violência que tanto nos ameaça?” (2011a), aponta seu próximo passo: “nossa proposta para o próximo texto é verificarmos que tipo de educação teremos que praticar, certamente voltada para a solidariedade planetária, que possa nos apontar, neste mundo complexo, incerto e instável, caminhos que nos permitam uma maior aproximação do sentido da vida, muito especialmente na família”⁵.

Descartando a proposta de fuga como resposta – porque fugir desloca a solução para outra dimensão –, Elias quer examinar a possibilidade de se trabalhar o ser humano e prepará-lo para uma vida que tenha sentido mesmo que se admita um mundo que traga a violência na sua própria estrutura. Chega, então, ao papel da educação formal – a escola.

Em minhas reflexões sobre a impropriedade do que vem sendo denominado *educação inclusiva* ou *educação para todos*, venho afirmando que *exclusão* e *inclusão* não são conceitos que se autodefinem; sem a possibilidade de um sentido homogêneo, depende do mirante de onde se olha, da perspectiva assumida, do conhecimento da história, das expressões culturais e do poder. Os escritos de Elias, sem negar essa posição, vão além. Ele afirma que “a escola tem sido seletiva, extremamente agressiva, incentivadora da exclusão e da competitividade desigual” (2011b, p.173). Foi corajoso, e isso não seria nenhuma novidade em se tratando dele.

A educação que ele denuncia, e que afirma estarmos praticando, é “competitiva, baseada no sistema de trocas, que já traz em si a violência embutida, contra os menos dotados, que são aqueles que mais precisam” (Idem, p.172). E, se traz em si esses e outros instrumentos de violência, não seria nela que encontraríamos a solução para os problemas da miséria e da desigualdade porque “estimula a dominação dos mais fortes sobre os mais fracos e os conduz à *violência justa* que por vezes explode de modo equivocado na família, na sociedade como reação à discriminação” (Idem, p.173). A educação que estamos precisando não é essa porque nela não se vê sinais de solidariedade.

Mas não perdia a esperança. Se assim não fosse, como explicar seu afeto pelos alunos, sua vasta biblioteca, o preparo cuidadoso de suas aulas, a insistência por vir à universidade ministrar aulas, fosse à noite ou durante o dia, com saúde ou recuperando-a após algum problema? Sua esperança, entretanto, não tinha o sentido de *espera*. Se aponta algum caminho, não o faz de um lugar de acomodação, ou de ocultação, muito menos de um lugar pacífico, ou harmonioso.

5 No manuscrito que me foi enviado, Elias Boaventura antecipa o tema que abordará em seu próximo texto.

Elias Boaventura inspira-se em Edgar Morin como aporte teórico de sua esperança: examinar a educação por meio da qual o conhecimento – que não pode ser retilíneo, parcelado e mutilador por não levar em conta a natureza complexa do real – poderá ultrapassar “a cegueira ligada ao uso degradado da razão” (1997, p.13-14). Mas como? Diz ele⁶ que “temos que abandonar a ministração de uma educação que oferta falsas certezas por considerar o universo como uma máquina perfeita, onde os avanços se dão de modo sequente, cumulativo e como uma regularidade imutável”. Há que se conhecer melhor qual é o sentido *de ser e do ser*. O conhecimento é uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. “A tomada de consciência de que as incertezas do viver não representam fruto de erro e de incapacidade de gerenciar bem o próprio ser, mas se encontra na própria estrutura do universo, parece-nos antídoto forte para auxiliar uma melhor compreensão” (2011b, p.176) – escreve Elias.

A educação para o futuro, que pretenda ser uma alavanca a favor do combate à violência, além de evitar o parcelamento do conhecimento deve também propor o convívio com a incerteza como fenômeno próprio da vida e que se encontra presente na própria estrutura do universo. Propor um convívio com a incerteza como parte da existência em hipótese alguma significa resignação diante dos acontecimentos, mas sim encarar com melhor compreensão o incerto, o imprevisível e o acaso, presentes na complexidade do real. (Idem, p.176)

Se o professor Elias assumiu que a idéia de desordem é não só ineliminável do universo, mas também necessária para concebê-lo em sua natureza e evolução, não poderíamos esperar que propusesse regras, normas, uma via reta para tratar da questão da violência e sua relação com educação e a escola. A proposta que apresenta é a de examinar as possibilidades de

ver a educação contribuindo para solução da violência onde quer que ela esteja, através de uma postura de dialogicidade com a desordem, partindo do pressuposto que ordem e desordem não podem ser tratadas separadamente, porque ao mesmo tempo em que se opõem se complementam (2011b, p.176).

Como a educação poderia (pode) ficar à parte da desordem do mundo, se a desordem traduz-se por “efeitos maciços que transformam o ambiente e as condições de vida, e afetam todos os seres vivos”? Escreve Boaventura (2011b, p.178), citando Morin (1966, p. 200).

Elias finalizou seu segundo texto analisando o poema de Chico Buarque de Holanda O que será, para que pudéssemos – disse ele – “compreender melhor o problema da ordem/desordem”. Pede licença ao leitor e apresenta o poema todo: “o que será que será/ que andam suspirando pelas alcovas...” E vai, verso a verso, articulando suas ideias com a inspiração de Chico. Vale trazer algumas delas, para finalizar.

Identifica os *poetas delirantes, profetas embriagados, ou mutilados, infelizes, meretrizes, bandidos, e desvalidos* como filhos da desordem e afirma que “para a ordem estabelecida, esta ação subversiva não admite censura, não tem decência e nunca terá.”

⁶ Trecho de seu manuscrito de 2011.

O que o *pai eterno* vai *abençoar*? Vejamos o que diz Elias:

os destinos vão se encontrar, o Padre Eterno vai abençoar o inferno, que embora não tenha vergonha nem governo tem sentido e abre espaço para o diálogo ordem-desordem, violentos-violentados. Alguns analistas detectam fenômeno semelhante entre nós. Há um projeto que indevidamente, vamos chamar de projeto lumpensinato, mas que talvez melhor fosse considerado como projeto dos marginalizados e dos desvalidos. Neste projeto andam todos aqueles que de algum modo foram lesados em sua possibilidade de prosseguir, foram roubados enquanto trabalhadores, desrespeitados em sua dignidade e que em função desses fatores perderam o sentido da vida e violentados se tornaram violentos até em relação àqueles que deveriam amar (p.179).

É necessário um esforço intelectual que, de maneira dialética, entrelaça-se com o afetivo, para mergulhar nas reflexões que Elias desenvolve. Continuemos acompanhando seu raciocínio:

Contra este exército de estropiados a prática da punição não resolve, até porque os repressores não conseguem ficar imunes à contaminação da dor do oprimido e não possuindo a sua força de resistência se desestruturam e passam a ter comportamentos fortemente geradores de mais violência. A bênção do Padre Eterno, pela nossa leitura, representa o início do diálogo ordem-desordem, e sem nenhuma imposição porque a desordem, força inovadora, certamente continuará não tendo governo, vergonha ou juízo. Agarrar-se a estes fundamentos mencionados e preservados nas circunstâncias seria simplesmente transformar-se numa ordem injusta, de fato uma verdadeira desordem, e abandonar a marcha do exército dos estropiados que lutam contra as forças aviltantes sem nenhuma certeza, mas na esperança de um dia ser abençoados. (p.179)

Nesse momento, Elias explicita o que quer mostrar: que tentar prosseguir no esforço de construir uma educação sem levar em conta a desordem não funciona, e que punir a desordem, em si mesma violenta, como método para equacionar o problema só não faz sentido como o agrava, e lembra como é ineficaz o sistema penitenciário que construímos. À pergunta: “pode a educação formal atual, como praticada no Brasil contribuir para a solução do problema?” (p.180), ele responde negativamente porque a educação atual se nutre de um conhecimento parcelado, disjuntivo que quer tratar tudo de modo isolado. As promessas oferecidas não são cumpridas e por isto geram frustrações e agressividade (p.180).

Com a intenção de escrever o terceiro texto – o que não fez por contratempos com sua saúde – Elias finaliza este com uma ponta de esperança que nos parece ainda tão distante – e a ele também parecia assim. “Se esta educação não resolve, existe uma que pode ajudar? Estamos certos que sim – a educação complexa. Mas esta é outra questão que traremos em outro texto” (p.181).

PARA FINALIZAR O QUE JAMAIS TERÁ FIM OU “O QUE NÃO TEM CERTEZA NEM NUNCA TERÁ”

Não basta criticar, denunciar ou tentar explicar a violência. É necessário que a análise que pretendemos fazer dessa realidade social seja feita articulando o individual, o particular, o privado com a dimensão histórica, social e coletiva.

Quando Elias Boaventura e eu participamos de uma mesa-redonda em um congresso, ele foi aplaudido quando disse: “enquanto houver uma pessoa passando fome ou sofrendo injustiça, a violência aí estará presente e nós não podemos aceitá-la”.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1956.

BOAVENTURA, E. Educação para os novos tempos. **Caminhando**, v. 16, n. 2, p. 169-181, jul.-dez. 2011.

HOLANDA, F. B. **O que será**. Marola Edições Musicais, 1976.

MORIN, E. **O método: a natureza da natureza**. 3. ed. Portugal: Europa-América, 1997.

_____. **Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. A metafísica do amor, a morte, a arte, a moral, o homem e a sociedade. 3. ed. São Paulo: Brasil Editora S.A., 1959.

DADOS DA AUTORA:

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA
Docente do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Submetido em: 10/5/2012

Aprovado em: 5/9/2012